

MORTE E LUTO: A BATALHA PARA PROSSEGUIR

MUERT Y DUELO: LA BATALLA POR CONTINUAR

DEATH AND GRIEF: THE BATTLE TO CARRY ON

Lecivania Santos Rodrigues Silva ⁱ  

Resumo: O estudo faz um balanço sobre a compreensão da morte com a finalidade de expor as questões relacionadas ao luto. O luto se dá num processo lento e gradual que se inicia após a morte de um ente querido expondo um conjunto de sentimentos, reações e sensações que causam, conseqüentemente, muitos traumas. Com isso, busca-se investigar a relação entre a morte e o luto na tentativa de compreender o processo de superação desse quadro como forma de retomada da vida. Analisa também a criação de significados através do túmulo como uma forma de lutar contra o esquecimento.

Palavras-chave: Morte; Luto; Túmulo.

Reanudar: El estudio hace un balance de la comprensión de la muerte para exponer cuestiones relacionadas con el duelo. El duelo se desarrolla en un proceso lento y gradual que se inicia luego de la muerte de un ser querido, exponiendo un conjunto de sentimientos, reacciones y sensaciones que en consecuencia causan mucho trauma. Con esto, buscamos investigar la relación entre la muerte y el duelo en un intento de comprender el proceso de superación de esta situación como una forma de retomar la vida. También analiza la creación de sentido a través de la tumba como forma de luchar contra el olvido.

ⁱPossui graduação em História pela Faculdade Alfredo Nasser (2011). Especialista em História Cultural: Imaginários, Identidades e Narrativas pela Universidade Federal de Goiás (2013). Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás-PPGH-UFG. Tem experiência na área de História, com ênfase em Ciências Sociais, atuando nos seguintes temas: Feminismo, História das mulheres, gênero. Atualmente é Historiadora no Instituto Natureza do Tocantins- Naturatins. Atua no apoio ao desenvolvimento e a execução de atividades técnicas relativas à preservação e controle do meio ambiente, recursos hídricos e educação ambiental.

Palabras clave: Muerte; Dolor; Tumba.

ABSTRACT: The study takes stock of the understanding of death in order to expose issues related to grief. Grief takes place in a slow and gradual process that begins after the death of a loved one, exposing a set of feelings, reactions and sensations that consequently cause a lot of trauma. With this, we seek to investigate the relationship between death and mourning in an attempt to understand the process of overcoming this situation as a way of resuming life. It also analyzes the creation of meaning through the grave as a way of fighting oblivion.

Keywords: Death; Grief; Tomb.

INTRODUÇÃO

Pensar sobre a dualidade da existência humana: a vida e a morte, não são tarefas fáceis dada à ideia nefasta na qual o termo morte se circunscreve. Tais reflexões trazem certo desconforto, pois não estamos acostumados a lidar com a morte como sendo consequência da vida. Nascer, desenvolver e morrer faz parte do ciclo natural de nossa existência. No entanto, a morte é para o homem uma incerteza capaz de mobilizar intensa carga sentimental e traz profundo desconforto.

Sabemos que nossa vida terá um fim, que as pessoas que nos cercam morrerão, mas evitamos conversar sobre o assunto em nosso cotidiano. Relegada das conversas, a morte se caracteriza, pelo mistério, e, sobretudo, por instalar o medo, quem se foi não tiveram chances de relatar a experiência aos que ficaram. É possível perceber as dificuldades que a sociedade enfrenta em lidar com a morte, mesmo sabendo que todas essas configurações nos acompanham cotidianamente.

Nesta perspectiva, a proposta deste trabalho é analisar a relação entre a morte e o luto na tentativa de compreender os traumas desencadeados pela perda de um ente querido. Busca-se entender como o indivíduo supera a dor para seguir sua vida. Analisa ainda, o significado do túmulo compreendido como um importante instrumento de combate ao esquecimento e manutenção da memória.

Nosso objetivo é expor como lidamos com relação a esses fenômenos. Para tanto, analisamos referências teórico-conceituais a respeito do assunto. Navegamos entre Phillipe Ariés (2003, 2014), Nibert Elias (2001), Claudia Rodrigues (1997), Jeanne Marie Gagnebin

(2006), Antonio Cândido, (1995), Lya Luft (2011) e Pierre Nora (1993), com o objetivo de conceituar e historicizar a morte e o luto.

SUREOHPDV □ VRFLROyJLFRV. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jo Zahar Ed

Visando facilitar a compreensão, propomo-nos a organizar o trabalho em quatro tópicos. Sendo que no primeiro, denominado- **A morte e seus mistérios** falaremos sobre o conceito de morte, bem como seus desdobramentos. No segundo, **o luto e sua trajetória**, propomo-nos analisar o luto e as dificuldades enfrentadas para superar a dor e a ausência deixada pela morte de um ente querido. No terceiro tópico, **a superação do luto**, enfatizamos como o indivíduo assimila o luto para depois estabelecer um novo tipo de relação com o morto. Por fim, no quarto tópico, **o túmulo: homenagem póstuma**, relatamos o túmulo como resultado de práticas mortuárias e elemento de representação simbólica de salvaguarda da memória.

A MORTE E SEUS MISTÉRIOS

“Encontrou-se com o único mal irremediável, aquilo que é a marca do nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo, morre”.

Ariano Suassuna.

Apesar de todos os mistérios nos quais a morte está envolta, dentre todos os seres vivos, só o homem tem consciência que vai morrer. Sendo assim, como lidar com essa consciência? O que vem a ser a morte? Em sua forma genérica, a morte representa o término das atividades vitais de um organismo. Do ponto de vista médico e legal é confirmada perante a paralisação de toda a atividade cerebral de forma completamente irreversível. Em sua concepção social é marcada por fatores que envolvem os sistemas sociais, econômicos, bem como costumes que abarcam aspectos existenciais, subjetivos, espirituais e religiosos. Em uma perspectiva cultural a morte desafia as diferentes culturas e leva a sociedade a recorrer aos mitos, à arte, a filosofia e a religião, buscando uma forma de compreensão daquilo que é desconhecido, com intuito de remediar a dor instalada pela ausência.

Observamos que ao longo dos anos ocorreram uma variedade de visões, sentimentos e valores construídos e reafirmados sobre a morte, envolvendo vários aspectos e estruturas. Desse modo, é relevante compreender a evolução histórica e social da morte para refletirmos sobre a importância das nossas atitudes com relação a ela.

O conceito de morte passou por uma série de mudanças no decorrer do tempo. Na sociedade antiga a representação da morte se dava como um rito de passagem, o ritual era organizado com bastante zelo, junto ao cadáver eram sepultados seus pertences (roupas, objetos pessoais e até alimentos) como forma de garantir que nada faltaria na travessia entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos.

No período medieval o fenômeno se tornou corriqueiro, dada às condições insalubres de moradia, saúde e higiene. A morte das pessoas era comum devido aos inúmeros casos de epidemias e de peste que assolavam a população. Nesse período, segundo expõe (ARIÉS, 2012, p. 49): “existia uma certa aceitação e familiaridade com a morte ligada a ordem da natureza e até sábia nas especulações com os astros, pois o homem não evitava nem exaltava, entendia com uma necessidade de transposição presente nas diferentes etapas da vida”.

Na contemporaneidade, a expectativa de vida tornou-se mais longa em função dos avanços da medicina, tratamento e prevenção das doenças. A longevidade contribuiu para sociedade desenvolver apego na crença de imortalidade e afastar a ideia da morte. Repudia-se, prefere mascarar a realidade e tratá-la como algo abominável que não deve ser mencionada sob nenhuma hipótese. Ainda de acordo Phillippe Aries (2012), a morte é vista como um assunto mórbido, interdito e que é ocultado ao máximo, assumindo uma carga negativa. A crença é negar tudo aquilo que traz sofrimento.

No entanto, apesar de cada época apresentar características diferentes sobre o tema, observamos que a morte causa dor em qualquer tempo e espaço, se antes era menos oculta, mais comum e familiar, não significa que era menos brutal. A partir do século XIV, o medo da morte foi se intensificando em decorrência do crescimento das cidades, da violência, da fome, das epidemias e, sobretudo, do reforço praticado pelas autoridades religiosas que intensificava sobre o indivíduo o temor da culpa e punição referentes à suas ações.

O temor da morte estava ligado a crença no dia do Juízo Final, quando o Cristo voltaria para julgar os homens, condenando para todo o sempre os maus e conduzindo os justos para o Céu, para a vida eterna. Associado a esse medo, havia a preocupação com a morte repentina, pois o homem podia não estar devidamente preparado para ela. Para ser considerada uma "boa morte", era necessário que fossem tomadas determinadas medidas antecipadamente, para que um imprevisto não impedisse o fiel de demonstrar o arrependimento pelos seus "atos maus", de fazer penitência e de partir com o perdão dos seus pecados. (RODRIGUES, 1997, p.150):

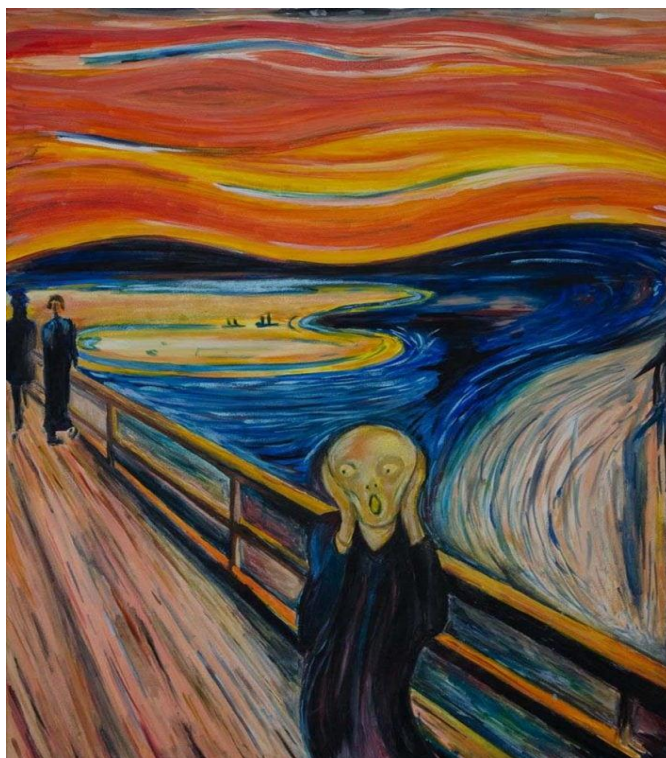
Outro estudioso sobre o assunto é o historiador Nobeert Elias (2001), que ao analisar as dificuldades humanas frente a finitude da vida expõe como uma sociedade tida como avançada comporta-se diante da morte, assim como os conflitos vividos para entendê-la como uma realidade e as ações com relação a si mesmo e aos outros diante da situação. “Na verdade, não é a morte, mas o conhecimento da morte que cria problemas para os seres humanos” (ELIAS, 2001, p. 11). Segundo seu raciocínio é a consciência da morte que causa problemas aos seres humanos.

De fato, ter consciência da morte e a preocupação com o dia do juízo final, provoca certo desconforto, pois somos colocados frente a frente com a ideia de fim, a certeza que a vida vai se exaurir. Essa certeza remete-nos a um silêncio doloroso frente ao mistério da vida e da morte. As incertezas são variadas e o medo pelo qual somos tomados, mergulha-nos em um universo de angústias, temores e ansiedade. Tais aspectos dificultam-nos a encarar a morte como um processo natural da vida.

A morte é muito recorrente também na arte. O pintor Norueguês Edvard Munch (1863-1944), símbolo do Expressionismo, movimento artístico caracterizado por retratar emoções e sentimentos humanos, tais como a angústia, o desespero, a morte, a depressão, a saudade. A vida do pintor foi marcada desde a infância pela doença e tragédia da morte. Perdeu a mãe e uma irmã quando era jovem e, desde então passou a produzir obras de forte expressividade no rosto dos personagens.

Em sua famosa pintura “O grito”, ele representa uma figura estranha que abre a boca num grito perturbador em um momento de profunda angústia e desespero.

Figura 1- pintura Edvard Munch- O grito (1893).



Fonte: <https://viagem.estadao.com.br/blogs/viagens-plasticas/noruega-o-grito-da-natureza>. Acessado em 01/04/2022.

Podemos notar que ao depararmos com a perda de um ente querido, além da dor pela qual somos tomados, sentimos na pele a vulnerabilidade da condição humana diante da morte que fatalmente também nos acometerá um dia. Ninguém pode afirmar seu verdadeiro significado. “Algum dia a morte nos levará a outra estrela”. Assim afirmou o renomado pintor Vincent Van Gogh; essa afirmativa nos induz a pensar que existe uma outra dimensão. Será? Nada sabemos, a morte é o começo de algo desconhecido, inexplicável. Conhecemos e veneramos a vida e a finitude torna-se uma incógnita, um mistério perante a realidade idealizada.

Assim, todos os nossos medos sobre a morte refletem a nossa falta de conhecimento e aceitação, afinal a morte é intransponível. Um lugar onde os vivos não têm acesso, totalmente desconhecido. No entanto, a nossa insistência em não aceitação da morte traz inúmeros prejuízos a nossa saúde física e mental, pois ela nos causa dor, perplexidade, estranheza. Assim,

torna-se natural associarmos a morte a uma ação cruel, um episódio medonho, bizarro, avassalador, pavoroso e universal.

Diante dessa realidade ela acomete os vivos de diversas maneiras, jeitos e formas. Seja através da generalização da violência, por meio de doenças, causas naturais, por envelhecimento, acidentes, entre outros. Somos forçados a lidar com a morte individual ou coletiva em vários momentos. Todos esses fatores intensifica o medo de morrer e vamos adiando pensar em nossa própria morte, isso soa como um agouro, um pensamento funesto, ou seja, não somos capazes de enfrentar essa possibilidade.

Do ponto de vista psicanalítico nosso inconsciente desconhece tudo aquilo que é negativo, por isso tem a tendência de não reconhecer a própria morte. Conforme (FREUD, 1996, p.306), nosso inconsciente “não crê na sua própria morte; comporta-se como se fosse imortal”. Ao negar a morte a eliminamos da vida e nos tornamos espectadores, e como tal, torna-se impossível imaginar nosso próprio fim.

Nesse contexto, só deixaremos de sofrer com a morte no dia em que alcançarmos um estágio elevado de consciência para entendê-la como consequência natural da vida. “Se queres suportar a vida, preparar-te para morte”. (FREUD, 1996. p.309). Seguindo essa lógica, a travessia ocorrerá sem traumas e dor e, talvez, a morte seja capaz de isentar os vivos dos medos e dos traumas, afinal, se trata de algo inevitável e presente na vida de toda a humanidade.

Portanto, cabe aos viventes superar a crença na ideia de imortalidade para que os mortos possam descansar, pois “a maior homenagem que se pode fazer a alguém que morreu é voltar a viver da melhor forma possível. Porque tudo é transformação. E a vida sempre chama”. (LUFT, 2011, p. 7). Como a “vida sempre chama” mesmo com a presença da saudade, as lembranças que machucam e a tristeza que acomete a alma é preciso prosseguir.

O LUTO E SUA TRAJETÓRIA

Ao analisar o processo de luto, intrinsecamente, a morte é mencionada, pois ela simboliza, conforme já expomos o fim de toda e qualquer atividade humana e cede espaço ao processo de luto. Logo, o luto pode ser entendido como um conjunto de sentimentos que se desencadeia quando perdemos alguém que amamos. A partir daí a vida empobrece nada nos consola e preenche o vazio; perdemos nossas esperanças, nossos desejos e nossos prazeres. Esse conjunto de fatores exerce efeito desastroso em nossas vidas.

Com base nessa constatação, vamos nos ater a falar da morte de um ente querido. Ressaltando a princípio, que o luto se inicia com a perda propriamente dita e se desenrola até o período de sua elaboração: quando o indivíduo enlutado retoma suas atividades ao mundo externo, após ter passado algum período dedicado aos processos internos de elaboração do luto. Esse processo entoa de forma cruel a ausência daquele ente querido, um momento marcado por profunda tristeza e dor que exige do indivíduo acumular forças para seguir com a vida agora marcada pela inevitável certeza da morte do ente amado.

A escritora Lya Luft em sua obra autobiográfica *O lado fatal* (2011) esboça o sentimento de luto vivenciado pela morte de seu marido como um desabafo. A autora fala de sua dor de uma forma poética e universal e retrata o luto de forma profunda. Vejamos:

Quando morre alguém que a gente ama, é preciso viver essa perda até o fim. É preciso esgotar essa dor para que um dia talvez ela se abrande. Esse a quem perdi morreu antes que se instalasse entre nós cansaço e banalidade. Talvez tenha morrido na medida certa para nada se desgastar. Dele me vem todo esse sofrimento, mas também a claridade que me permite ver seu vulto em cada esquina, e ouvir em todos os silêncios a sua voz ainda a chamar meu nome. (LUFT, 2011, p.71).

A finitude humana aflora sentimentos e aguça, talvez, nossa maior inquietação. O fato de perder pessoas que amamos é algo comum a todos, mas a forma de lidar com esse acontecimento sofreu transformações ao longo do tempo. Para Sigmund Freud (1996), desde os tempos mais remotos a morte do outro e, especialmente, de entes queridos fez o homem mudar sua relação com a morte. Freud após analisar os impactos da morte ocorridos na Segunda Guerra Mundial lançou um novo olhar sobre o tema e defendeu a morte como “resultado natural da vida”, e concluiu-a como: “Natural, inegável e inevitável” (FREUD. p.299). Porém, segundo ele o hábito de relegá-la ao não dito, não tocada; reflete no inconsciente a capacidade de não aceitação da nossa própria morte. Daí, apesar de existir a consciência de mortalidade, aceitar a morte de um ente querido torna-se doloroso. Assim, desencadeia junto com a morte: o luto. E esse é sempre um momento muito difícil, pois expõe toda nossa incapacidade de lidar com a dor e a perda.

Nesta perspectiva, o luto traz alterações no cotidiano de quem o vivencia. Esse processo normalmente apresenta vários sintomas, que vão desde mudança temporária no estilo de vida, falta de interesse por atividades diárias e alterações no convívio social. Citamos alguns sintomas mais comuns:

Descrédito com relação à vida- devido à dificuldade de aceitar a morte, o indivíduo se sente desgostoso, sozinho;

Negação- reação de defesa frente à dor sofrida;

Ansiedade- crise de choro e dor intensa motivada pelo impedimento do reencontro e a busca excessiva para manter viva a memória afastada do esquecimento. “Lutar contra o esquecimento, mantendo a lembrança cintilante da glória dos heróis, isto é, fundamentalmente, lutar contra a morte e a ausência pela palavra viva e rememorativa”. (GAGNEBIN, 2006, p.44);

Culpa- ao lembrar, o indivíduo age como se pudesse ter evitado a morte da pessoa querida tomando para si a culpa do ocorrido;

Estimula sentimentos (raiva, desespero, confusão, falta de prazer, etc.). Isso contribui para que o enlutado se revolte com amigos, familiares, médicos e até mesmo com Deus. “Deus (ou foi a morte?) golpeou com sua pesada foice o coração daquele que eu amava. Bem ali onde ele dizia: “Esse é o meu lado fatal” (LUFT, 2011, p.15).

Todos esses quesitos podem levar a perda do interesse pelo convívio social e de realizar tarefas cotidianas. “Que estranha a vida: fico tangendo meus dias como um rebanho de ovelhas desordenadas que não encontram seu lugar”. (LUFT, 2011, p.79). Notamos certa desorientação que fazem surgir sentimentos, atitudes, reações e vários questionamentos: “Porque ele morreu, abriu-se em meu peito esse buraco: através dele arrancaram-me o coração e colocaram um estranho maquinismo cheio de lâminas e pontas que me recorta e preserva, pois se de um lado a morte me abraça, do outro a vida me chama”. (LUFT, 2011, p.53).

Por fim, a superação desse processo se dá de forma lenta e gradual. Só o tempo é capaz de organizar as coisas, pois a vida continua, e é preciso resistir, conviver com a ausência e seguir. Porém, todo o processo deve ser vivenciado para que a dor da perda não seja reprimida apresentando, posteriormente, outros sintomas que podem ser variados dependendo do controle que cada indivíduo possui de lidar com os sentimentos.

A SUPERAÇÃO DO LUTO

Como superar o luto? Não existe fórmula. Talvez, após passar por complexas etapas. Então, partiremos da compreensão de como ele afeta as pessoas indo no ritmo do seu processo de negação à aceitação, transitando entre uma dor intolerável a algo suportável. Essa dor talvez não passe, mas ao final do processo adquire resistência para se reinventar e continuar.

Nesse percurso, buscam-se mecanismos na tentativa de amenizar a dor da perda se reinserindo ao convívio social e familiar. A literatura pode ser uma alternativa, pois para além de uma obra de arte, comunicação, dentre outras, ela também é carregada de emoções, sensibilidade e humanização, sendo capaz de nos transportar do mundo real ao mundo imaginário, ou seja, tem o poder de nos tornar mais leves. Segundo (CANDIDO, 1995, p. 177). “A literatura é o sonho acordado das civilizações”. No poema abaixo, encontramos esses elementos quando nos deparamos com a imagem da morte, a ausência, a memória e a aceitação do luto.

SOBREVIDA

Quando foi bom o amor,
os mortos pedem
memórias doces
que não os perturbem,
e que a gente viva
Sem muito desgosto:
mais nada.
(Pedem silêncio e que os deixemos em paz)
Os mortos precisam de mais espaço
do que em vida:
nesse seu novo posto
não devem olhar para trás.
(Os mortos querem licença para morrer mais)
(Lya Luft. Para não dizer adeus. Recorde, 2005).

A superação do luto se inicia quando o indivíduo passa a construir um novo tipo de vínculo com a pessoa morta, fazendo com que a relação seja preservada em outro patamar. “Quando morre alguém que a gente ama, é preciso viver essa perda até o fim. É preciso esgotar essa dor para que um dia talvez ela se abrande”. (LUFT, 2011, p.71). Nesse caso, o indivíduo falecido pode passar a ser internalizado, passando a habitar o mundo interno do enlutado.

Percebemos que à medida que o tempo vai passando o sofrimento passa ser menos intenso, e o sujeito enlutado, busca resgatar laços sociais, retomando vínculos antigos e construindo novas relações, ainda que de forma lenta. O tempo passa a ser um aliado, pois na

medida em que ele transcorre o indivíduo volta a se inserir no mundo externo de modo pleno e, normalmente, com a capacidade de suportar perdas amadurecida.

Mas, nesse processo de recuperação existem momentos críticos, podem ocorrer recaídas, principalmente em datas e momentos que são associados à pessoa dizimada. As lembranças materiais, tais como: álbum familiar, cartas, objetos pessoais e momentos de lazer, devem ser enfrentados, como forma de vencer a dor do luto e superação da perda. Nesses casos, o apoio e a compreensão, tanto dos amigos quanto dos familiares ajudarão a fazer do processo de luto algo mais suportável.

Outra forma eficaz de tratamento do luto é buscar ajuda psicológica. Por meio desse cuidado podem existir momentos de compartilhamento de experiências capaz de reavivar os sentimentos de alegria e sensação de bem-estar, assim como proporcionar a sensação de alívio e paz, dentre tantos outros sentimentos. Observamos que devido a nossa não aceitação da morte o luto tornou-se um processo complexo com desdobramentos sérios, tornando-se um problema de saúde.

Vale ressaltar que qualquer tipo de perda, seja ela repentina, precoce ou por doença, a dor afeta todas as pessoas que raramente saem ilesas desse pesar. Por isso, os enlutados demoram a restituir a perda e muitos não conseguem sozinhos sendo necessário recorrer a médicos, psicólogos e grupos, com objetivo de pôr fim a dor e reorganizar sua vida. O luto é inevitável e necessário na caminhada da vida, sobremaneira a dor deve ser sentida como alternativa de superação. Conforme (FREUD, 1996, p. 319) “o luto, como sabemos, por mais doloroso que possa ser chega a um fim espontâneo”.

De modo geral, chega-se à conclusão, que a dor, o luto, a solidão, a revolta. Sentimentos tão humanos e que tocam o amor, estão intrinsecamente ligados à separação e ao nosso despreparo com relação à compreensão da morte. Essa falta de aceitação é responsável pela dificuldade de encará-la como parte integrante e natural da vida, sendo associada frequentemente ao resultado de fracasso.

O TÚMULO: HOMENAGEM PÓSTUMA

Segundo o dicionário Aurélio, túmulo é um monumento fúnebre erguido em memória de alguém no lugar onde se acha sepultado. A ocultação de cadáver é uma prática sociocultural com intuito de preservar os vivos dos transtornos ocasionados pela decomposição dos mortos. De acordo com Cláudia Rodrigues em sua obra Lugares dos mortos na cidade dos vivos (1997).

Para o homem religioso, a passagem da vida à existência post-mortem nunca é instantânea, é um trajeto, um percurso de provas e incertezas, cujo término se dá ao fim da celebração dos rituais funerários. Por isso a morte é identificada como a passagem de uma forma de vida social a uma outra, de modo que ela não é o fim da existência, mas o começo de uma nova vida. E considerada como a suprema iniciação. (RODRIGUES, 1997, p.149).

Nesse percurso de transição entre a vida e a morte. O cadáver orienta práticas fúnebres e rituais dos seres humanos de diversas formas de ocultação ligados aos aspectos culturais de cada sociedade: lançar o cadáver na correnteza do rio, deixar no cume da montanha, inumação, queimar, embalsamar, cremar, dentre outros.

No Brasil a prática dos sepultamentos eclesiásticos, (sepultamento dos mortos no interior ou jardim das igrejas), costume que remonta a tradição cristã ocidental e adotada em nosso país pelos colonizadores desde os primórdios da colonização. Um costume carregado de crenças religiosas. Vejamos todo esse caráter sacro no excerto:

Esta familiaridade assentava-se numa relação de vizinhança cotidiana entre os habitantes e as sepulturas. Ao frequentarem as igrejas, pisavam, caminhavam, sentavam e oravam sobre seus mortos, a todo o tempo sentindo seus odores, expressando uma determinada sensibilidade olfativa resultante da fé existente na sacralidade dos sepultamentos eclesiásticos. (RODRIGUES, 1997, p. 21).

A princípio, cavavam-se covas no interior dos templos para depositar os mortos, depois, surgiram as catatumbas, compartimentos construídos nas paredes das igrejas onde o caixão era depositado e tampado com tijolos. A partir século XIX esse costume sofreu alterações e provocou mudanças na relação entre os mortos e os vivos devido a dois fatores: o avanço da medicina e o surto de febre amarela que acometeu o país no ano de 1850; “os médicos aludiam ao perigo das sepulturas no interior das igrejas e dentro dos limites da cidade. A epidemia de febre amarela tornou mais exigente e contundente este discurso”. (RODRIGUES, 1997, p. 59).

O avanço do saber médico começou a preconizar medidas higiênicas e de prevenção de doenças. Assim, inúmeros debates ocorreram acirrando as discussões sobre as consequências dos odores maléficos que poluíam o ar e causavam doenças e epidemias. Como as igrejas eram muitas e no perímetro urbano o discurso médico tornou essas práticas mórbidas a saúde pública.

Os cadáveres, os sepultamentos e os cemitérios foram alguns dos alvos da medicina social. Os cemitérios existentes, encarados como insalubres, sofreram a crítica médica, que propunha um projeto de cemitério "ordenado" e "moralizante", visando a neutralização dos

efeitos mórbidos causados pelos cadáveres. Buscou-se uma nova localização e organização interna. (RODRIGUES, 1997, P. 59).

Dessa maneira, esse costume fúnebre foi proibido cedendo espaço à obrigatoriedade da criação de cemitérios públicos para onde todos os mortos deveriam ser destinados. Seria o fim das sepulturas tradicionais e o surgimento dos cemitérios públicos instalados fora dos limites das cidades. No entanto, a ideia de sacralidade das sepulturas permanece como forma de manter a referência cristã; os mortos ainda que distante do mundo dos vivos devesse manter-se como sagrado. Vejamos:

Os cemitérios não são simples sepulturas e reservatórios de corpos mortos, mas antes são lugares santos ou sagrados, destinados às orações pelas almas dos falecidos que aí repousam: lugares santos e sagrados, públicos e frequentados, e não impuros e solitários. (ARIES, 2014, p.54).

Notamos que a transferência dos mortos para o cemitério, leva consigo o mesmo caráter simbólico de “lugares santos ou sagrados” atribuído às igrejas. Nesse sentido, o túmulo ganha relevância para guardar os restos mortais e salvaguardar a memória.

O túmulo aparente e o lugar onde o corpo foi deposto, uma vontade de definir por meio de uma inscrição e por um retrato a personalidade viva do defunto, e finalmente a necessidade de perpetuar a recordação dessa personalidade associando a imortalidade escatológica à comemoração terrestre (RODRIGUES, 2014, p.247).

Assim, enquanto local que armazena os vestígios dos desaparecidos é eternizado por manter viva a memória enquanto salvadora e guardiã de sentimentos de pertencimento familiar. A memória que se constitui em uma espécie de fenômeno que recorda, representa e ressignifica uma imagem do que se foi. Logo, através do ato de recordar, podemos recorrer às lembranças como alternativa para que permaneçam vivas as nossas memórias. Rememorar, lembrar através das representações, utilizar a memória que é inerente aos homens.

Nesse caso, o indivíduo busca controlar as feridas e suas lembranças pessoais em uma luta contra o esquecimento. Desse modo, numa perspectiva simbólica e de representação, os túmulos podem ser entendidos como “lugares de memória”, conforme defende Pierre Nora (1993):

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notoriar atas, porque estas operações não são naturais.

É por isso que a defesa pelas minorias de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levantar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. (NORA. 1993, p. 7-28).

Para Nora (1993), o avanço tecnológico vivenciado pela sociedade atual tem levado as pessoas a perder suas tradições, costumes e a memória, ou seja, existe uma tendência de viver o hoje e esquecer o passado. Com isso a memória invés de ser vivenciada passa a ser angariada aos “lugares de memória”. Os funerais são formas simbólicas de homenagem aos que já se foram. É preciso que a memória dos mortos seja devidamente registrada para que a perenidade do tempo não sucumba à lembrança do morto. Daí o túmulo como forma de preservar a memória da pessoa amada e amenizar a saudade.

Outra autora que defende as sepulturas como trabalho de memória é Gagnebin (2006), faz uma análise entre “rastros e memória” afirma que ambas estão ligadas. Por meio dos rastros reconstruímos o passado, pois ele fornece o objeto real à memória e juntos luta contra o esquecimento. Desse modo, o túmulo traz em si os “rastros” capazes de reconstruir o passado.

Porque a reflexão sobre a memória utiliza tão frequentemente a imagem o conceito de rastro? Porque a memória vive essa tensão entre a presença e a ausência, presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente. (GAGNEBIN, 2006, p.44).

A partir dessa análise a autora cita a ausência de sepulturas como forma de apagamento dos rastros e expõe os fatos ocorridos nos campos de concentração de Auschwitz quando os Alemães percebem que perderam a guerra, queimam os arquivos, explodem as câmaras de gás e os fornos crematórios. Os cadáveres jogados em valas comuns e ainda em estágio de decomposição foram queimados em enormes fogueiras para apagar os vestígios praticados pelo terror nazista.

[...] ele precisa transmitir o inenarrável, manter viva a memória dos sem nome, ser fiel aos mortos que não puderam ser enterrados. Sua “narrativa afirma que o inesquecível existe” mesmo se nós não podemos descrevê-lo. Tarefa altamente política: lutar contra o esquecimento e a denegação é também lutar contra a repetição do horror (que, infelizmente, se reproduz constantemente). Tarefa igualmente ética e, num sentido amplo, especificamente psíquica: as palavras do historiador ajudam a enterrar os mortos do passado e a cavar um túmulo para aqueles que dele foram privados. (GAGNEBIN, 2006, p.47).

Observamos a importância que os túmulos exercem como indicador de referência de memória seja da memória coletiva ou individual. Com base nisso, atualmente eles variam de monumentais seguindo uma tendência de cemitérios secularizados ou os contemporâneos, seguindo padrões de cemitérios jardins ou cemitérios verticais onde é afixado o nome do morto para identificar o

local do sepultamento. Como afirma (ARIES, 2014, p.247) “o túmulo é um memorial”, ou seja, informa a identidade do defunto e transmite as gerações seguintes à recordação do morto. Trata-se de um ritual de expressão afetiva capaz de criar significado para manter viva a memória, uma homenagem póstuma para que o morto possa ser lembrado, assim como o reconhecimento do poder da morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após ter dito tanto sobre a morte e o luto e sabendo que o assunto ainda tem muito a nos dizer, chegamos a uma constatação: a morte em todas as culturas e em qualquer período ou lugar da história nunca foi assunto insignificante, ao contrário, sempre demandou grande esforço do homem e causa profunda dor. Nesse sentido, é natural as inúmeras alterações que nos conduz a prejuízos emocionais e cognitivos.

Quando se faz uma reflexão sobre essas questões, nota-se o quão trabalhoso e complexo é a despedida de alguém, seja do outro ou de um ente familiar. Por isso, é preciso conversar sobre a morte, conhecê-la melhor; ir além da compreensão de seu fenômeno biológico. É necessário entender a dimensão simbólica, percebê-la enquanto um fenômeno que abarca valores e significados variados dependendo do contexto histórico e sociocultural no qual está inserida.

Não se pode negar o poder da morte. Historicamente ela paralisa os homens em função de seu caráter invasivo e por vezes repentinas. E, apesar de toda a nossa crença na imortalidade, de nada adianta, pois, a morte jamais está encerrada; essa constatação expõe toda nossa fragilidade. Dessa maneira, pensar, falar, vivenciar e superar a finitude segue sendo um desafio para toda a humanidade.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Phillipe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
ARIÈS, Philippe. **O Homem Diante da Morte**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
ELIAS, Nibert. **A solidão dos moribundos, seguido de Envelhecer e morrer: Alguns problemas sociológicos**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar. 2001.
FREUD, Sigmund. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos** (1914-1916). Rio de Janeiro. Imago, 1996.
GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo. Ed.34, 2006.
LUFT, Lya. **O lado fatal**. Rio de Janeiro. Record. 2011

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. *Projeto História* (Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História/Departamento de História, PUC-SP), São Paulo, v.10, 1993.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas-SP. Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Cláudia. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos:** tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração. Rio de Janeiro, **1997**.